

Quinta lição do Curso

Quarta-feira, 13 de dezembro de 2000

V

Hoje somos dois porque pedi a Éric Laurent para completar o que ele disse em nosso último encontro, que ele teve de abreviar devido à hora. Nada diz que aquilo que dizemos se cruza, uma vez que cada um tem a sua mania. Mas, contemos, ou seja, acreditemos no sujeito suposto saber que, de certo modo, faz sentido no conjunto.

Então, neste ano, cabe a mim começar por minha mania, que, aliás, me parece ter sido verificada pelo que ouvimos de Éric Laurent relatando tal propósito de tal psicanalista que não pertence ao no nosso barco. Não me parece excessivo dizer que, de todos os lados, se acumulam testemunhos mostrando os psicanalistas com dificuldades. Digamos que os psicanalistas estão com dificuldades em relação à psicanálise. Nem sempre foi assim.

Qual é a dificuldade da psicanálise nos tempos atuais? Por que os praticantes, não importa qual seja seu barco, antecipam sem maiores questões um calvário para sua disciplina nos tempos a advir? O que constitui o aspecto patético do psicanalista?

É a imputação que lhe foi feita, de modo polêmico, já nos tempos passados, de sustentar-se na ênfase. Não sei se você concorda, mas me parece que o que se pode realçar, enfatizar como a ênfase do psicanalista vem sendo dissipada. A ênfase, a satisfação de si é, contudo, a garantia de ter um lugar à parte, preservado, no seio do mal-estar na civilização. Aqui, vamos rir. Ha! Ha!

Vamos saborear a ironia que há nisso, precisamente porque a psicanálise penetrou no mundo ambiente. Isto é o que aflige o psicanalista: a psicanálise informou o mundo ambiente, deu-lhe uma forma, inscreveu-se no mundo e, doravante, ela infiltra a vida cotidiana de todo mundo. Podemos rir da inquietação que cabe ao psicanalista quanto ao que pode ser o triunfo da psicanálise. Ele não tem certeza de que a psicanálise sobreviva ao seu triunfo.

A felicidade, dizia Saint-Juste no século XVIII, tornou-se um fator da política. Chegamos no ponto em que o desejo se tornou um fator da economia, no exato momento em que muitas indicações apontam que a economia absorveu a política. Digamos – com moderação – que o marketing dita sua lei à indústria e que a produção intensa de novos objetos, assunto de todo mundo – não ouço falar dos últimos romances, das últimas produções teatrais, ouço falar do último gadget, do último telefone, do último computador... -, isso sim cresceu enormemente como referência. A produção desses novos objetos dos quais todo mundo fala está, daqui pra frente, estritamente determinada por sua capacidade de causar o desejo. É em função de sua capacidade de causar o desejo que eles são produzidos.

O que isso quer dizer? Muitas coisas. Mas digamos que o desejo foi reconhecido a fim de ser manipulado no sentido da demanda. Correlativamente, a inexistência do Outro – à qual Éric Laurent e eu demos toda a importância durante um ano – libera o que tradicionalmente chamamos um individualismo, que vai crescendo, autorizando o sujeito a reivindicar, como um direito do homem, gozar à sua maneira. Poderíamos fazer disso

princípios, verdadeiros axiomas, no sentido de evidências indiscutidas que encontramos, hoje, no que eu chamava o mundo, nosso parceiro-mundo.

Primeiro axioma. Há desejo destinado a ser manipulado no sentido da demanda. A condição para reconhecer o desejo é a de rebatê-lo, reconduzi-lo, assim como traficá-lo, no sentido da demanda, como se surgido da demanda. É em relação a isso que se propõe a oferta, que se determina uma oferta.

Segundo. Direito ao gozo, ou seja, sensacional inserção do gozo no registro do direito. Como não reconhecer, aqui, a incidência da psicanálise? Aqui, não nos ocupamos com a causalidade histórica. Podemos apenas dizer que está em harmonia com a psicanálise, que ela foi o vetor desses axiomas, ainda que ela tenha sido a primeira a inaugurar a evidência contemporânea do desejo e do gozo. Do mesmo modo, como não reconhecer a incidência da psicanálise no que, doravante, articula a fala ao bem-estar? Para dizê-lo à maneira de Saint-Juste, a fala se tornou um fator do bem-estar. Seria um desconhecimento recusar ver nisso a consideração, a seriedade da psicanálise ultrapassando a intenção do psicanalista. Trata-se, doravante, de satisfazer a demanda de fala oferecendo-lhe um ouvinte, o que basta para prover a fala com uma resposta.

É o que se desdobra no ensino de Lacan. É o que ele diz no exato momento em que inicia seu ensino: “não há fala sem resposta, desde que ela tenha um ouvinte”. E acrescenta: “É o coração de sua função na análise”. Pode-se dizer que é o lugar comum de qualquer terapêutica, seja ela clínica ou social. É o que cada um de nós, num ou noutro momento, veiculamos ao dizer: “É preciso que ele vá falar com alguém”. Quantos de nós dissemos isso acreditando que, deste “falar com alguém”, poderia advir algum bem? Hoje, essa frase, em si, parece sustentar-se, manter sua evidência, não precisar de demonstração e decorrer do sentido comum.

E aqui está um terceiro axioma, no sentido próprio, no sentido original, quanto às evidências que, de algum modo, daqui pra frente serão conjeturadas, porque houve a psicanálise.

Terceiro axioma. A fala concebida como instrumento do bem-estar. Observemos que isso arranca da fala a sua função de verdade, para torná-la um fator de equilíbrio psíquico, um momento de homeostase.

Caso eu tivesse que apontar ainda um quarto axioma contemporâneo – no sentido do que trouxe anteriormente -, diria que o sentido está convidado a atuar contra o real, o que permite chegar a dizer: hoje, o real não existe. E como não reconhecer a responsabilidade da psicanálise na redução do real a um efeito de discurso, assim como no convencionalismo generalizado que se segue? Essa epistemologia relativista coordena-se com uma ética essencialmente pluralizada, da qual se poderia dizer que ela realiza a injunção evangélica: “Tu não mais julgarás”.

Quinto axioma. Os americanos têm uma palavra para dizer isso, para qualificar a emergência dessa atitude difundida, que pressiona as instituições, que infiltra os discursos. Eles a chamam uma atitude *non judgmental*, ou seja, uma atitude que consiste em não julgar. Está nas trocas intersubjetivas: *Don't be judgmental*, “Não se ponha a julgar”. “Não julgue”, se assim posso dizer, “meu mental”. A cada um, seu *mental*.

Não se tem dificuldade de reconhecer aqui, me parece, a difusão, a popularização da posição analítica, a que permite abrir o campo da associação livre. De algum modo, é pedir ao outro para ser um pouco mais analista, dizer o que vem à cabeça, suspender a censura. O que fundamenta essa injunção do *non judgmental* que se faz cada vez mais

insistente? O que fundamenta essa injunção de se ter de ser assim? O que fundamenta isso, digamo-lo sublinhando seu paradoxo, é precisamente a ausência de fundamento. Não temos fundamento para julgar o outro. O que não tem evidência, ali onde não há axioma, é exatamente ali que se trataria de julgar. E hoje, em particular, o real não é mais fundamento. Não há fundamento real. É o que o parceiro-mundo nos comunica. Quer dizer – tradução – todo fundamento é semblante, tudo procede do semblante.

Podemos apenas constatar que esse tempo de hoje foi anunciado por Lacan, quando ele enfatizava, em sua pesquisa, que o que faltava era um discurso que não fosse semblante, que não partisse do semblante. A fim de constatar pelo menos a dificuldade de articulá-lo, em sua construção dos discursos ele pôs no primeiro plano a ausência de um fundamento real e a dependência em relação ao semblante. O que se delineia, se anuncia, e no qual a psicanálise marcou seu lugar, é um mundo desertado do real, um mundo que pode sustentar-se como desertado do real porque povoado de semblantes.

A ausência de fundamento real comporta reporta-se sempre à decisão do sujeito. Se o fundamento não é o real, se não há fundamento senão de semblante, então só podemos reportar-nos à decisão pura, ou seja, *ex-nihilo*. O que há muito tempo se anunciou como nihilismo encontra, aqui, sua consagração. É justamente o que se realça e o que se esconde através da promoção da ética em sua diferença com a moral, com a deontologia.

Quando se fala de moral e de deontologia, entende-se que elas correspondem a uma tábua de valores que lhes serve de fundamento, ao passo que a ética remete a uma auto-fundação. A ética remete a um arbitrário inicial, a uma escolha incondicionada, a um *eu quero* como *ultima ratio*, como razão última. Quem não veria, aqui, o triunfo da análise, no fato de que toda ética só se autoriza por si mesma, já que o que se diz do próprio psicanalista é que ele se pôs à prova dessa auto-fundação?

Certamente há um paradoxo no fato de o psicanalista não se reconhecer no mundo do qual ele foi um dos parceiros. O paradoxo é que ele seja estrangeiro, que se sinta como estrangeiro em um mundo que é apenas a consequência da própria disciplina à qual ele serve. O psicanalista mantém, sem dúvida, uma relação com a decisão original que estabeleceu seu campo e sua disciplina: a decisão de Freud. É uma constatação empírica, pois, seja qual for seu barco, ele se credencia referindo-se a ele. Ele não se alijou dessa referência a uma decisão inicial.

Ora, a decisão de Freud erigiu-se diante de um mundo do qual Freud necessitava que lhe dissesse não. Pode-se até mesmo demonstrar que ele exagerou nisso. Criou picuinhas a fim de demonstrar que, de fato, ele não foi, como pretendeu, tão excluído, cassado, minorado. Por fim, ele pôde facilmente trilhar seu caminho. Pouco importa. Era essencial para Freud que o mundo no qual ele trilhava o lugar da psicanálise lhe dissesse não. Nesse sentido, o que hoje desconcerta é que esse mundo diz sim – diz sim ao desejo, ao gozo, à fala, ao sentido e diz sim à neutralidade benevolente sob a forma da atitude *non judgmental*.

O mundo, como parceiro encontrado ou inventado por Freud – pouco importa -, era um mundo condicionado pelo Nome-do-Pai. Esse mundo dizia não. Era necessário. O problema é que o mundo agora diz sim, sim à psicanálise, às custas de interpretá-lo em função dos cinco princípios que mencionei. A questão, caso essa orientação se sustente, é saber como a psicanálise pode fazer a diferença. Ou, mais exatamente, como a psicanálise pode fazer a diferença da psicanálise em um mundo que não a recusa, um

mundo que se vacinou, mitridatizou-se, que a acolhe interpretando-a e que a interpreta no sentido do individualismo, do perspectivismo, do estilo de vida, do semblante, etc..

É o pano de fundo que faço aparecer a partir do momento em que o percebo. Ele lá estava há muito tempo sem que eu visse sua paisagem, sem que eu juntasse essa paisagem. E, sobre esse pano de fundo, destaca-se a questão que vocês podem formular a meu respeito: “do que é que ele vai falar este ano?” Eu já disse. Eu já disse para lhes tranquilizar: vou falar do lugar e do laço. Mas devo pensar que esse título não basta para indicar do quê eu falo. Admito de bom grado que, entre esse título, entre esse nome e a referência do que se trata, há uma distância. Aliás, foi o que permitiu a alguém me dizer que era um título totalmente zen. É uma interpretação que acolho de boa vontade, porque, quando se vê o pano de fundo, correr para o Oriente é, com efeito, uma solução. Foi, inclusive, a solução que Lacan tentou. Ir em busca do Oriente, tomar suas referências no Japão, a fim de tentar fazer a diferença para com o mundo informado pela psicanálise, para desfazer a interpretação da psicanálise feita pelo que não designo melhor senão como o mundo contemporâneo. Sem dúvida, a psicanálise só pode sustentar-se de um “eu não sou aquela que vocês pensam”. Tanto mais quando se tenta fixá-la na cola de ser aquela que se pensa.

No percurso de Lacan, observa-se o deslocamento, a renúncia, se assim posso dizer, ao Ocidente e às suas pompas, a renúncia ao agir, a renúncia à obra, à realização, para fazer signo do lado de um discurso que pudesse sustentar-se sem acreditar na causalidade.

Uma outra pessoa me deu uma outra interpretação de meu curso. Vejo que toda a vantagem de dar um título zen é que me interpretam. “Seu curso”, me disse esse outro alguém, “sobre a formação do analista”. Será que estou dando um curso sobre a formação do analista? Não rejeito essa interpretação, porque poderia muito bem ser isso que ele assim se revele definitivamente. Há ainda outras versões que lhes passo. De fato, o que me convém, é que esse curso seja um albergue espanhol, ou seja, um lugar onde se consome apenas o que se traz consigo.

Uma psicanálise poderia ser definida como um lugar assim, um lugar em que se exige que se ponha algo de si. É com essa pontuação que termina a abertura feita por Lacan de seus *Escritos* que, segundo ele, teria como objetivo: “[...] levar o leitor a uma consequência em que ele precise colocar algo de si”. Está na página 11 dos *Escritos*.

É essa mesma expressão que lhe vem à cabeça, “pôr algo de si”, quando define o programa teórico da psicanálise como o de saber de que modo uma linguagem formal determina o sujeito. Sou eu quem diz teórico. E é eminentemente teórico, já que formal. Mas ele especifica que esse programa só pode ser preenchido por um sujeito - acrescento, na prática – se ele ali puser algo de si.

Pôr algo de si é pagar com sua pessoa, e, é claro, não há formação onde não houver que pagar com sua pessoa. Isso pode ser verificado na pedagogia que é exatamente o caminho por onde são conduzidas as crianças. O modo pedagógico da formação comporta uma mestria do gozo pelo saber. Nós o encontramos no patamar superior daquilo que Lacan chamou de discurso da universidade que libera, sob a forma do sujeito barrado, um sujeito formado, isto é, que submeteu seu gozo ao saber, o que supõe que o saber já está constituído antecipadamente. É em nome desse saber que procede o modo pedagógico da formação. Pois bem, a psicanálise não é uma pedagogia. Caso caiba definir uma formação adequada à psicanálise, não será uma formação pedagógica.

Em primeiro lugar porque, se há uma formação em psicanálise, ela não concerne às crianças. Muito se pensou sobre as crianças em psicanálise. Ouviu-se o campo do exercício da psicanálise com crianças e fizeram-nas entrar. Deixai vir a mim os pequeninos. Mas, todavia, é preciso admitir – quem sabe! –, é preciso ver se o mundo contemporâneo aceita ao menos esta reserva: não há crianças psicanalistas. Pelo menos por ora. É uma formação, caso haja uma, que concerne ao adulto, ou seja, que concerne ao sujeito já tendo sido formado em um outro lugar, eventualmente para fazê-lo desaprender o que pode ser sua formação. Por isso, Lacan pôde dar como missão primeira ao ensino da psicanálise triturar o sentido comum que precede à experiência analítica, o que supõe já haver ali uma formação: temos de lidar com sujeitos formados.

Em segundo lugar, o saber que se trata de adquirir na experiência não é constituído antecipadamente. É o que faz, da maneira mais simples e elementar, uma diferença em relação à pedagogia. Caso haja uma formação em psicanálise, o saber, pelo menos o saber mais precioso, requer, para se constituir, que o sujeito comece pondo ali algo de seu. O saber só se constitui com a condição de que o sujeito ponha nele algo de seu, a fim de constituir esse saber. Com efeito, supõe uma espécie de certeza antecipada do que chamamos a aposta.

Essencialmente, de que forma o sujeito põe ali algo de seu? Pode-se dizer que o aporte do analisante, mais raso, mais realista, é o que chamamos, em psicanálise, o material, quer dizer, o aleatório de seus ditos. Convida-se a designar como o saldo que lhe vem da análise, concebida como lugar, o formal, a organização do material.

Deixo de lado o fato de que se pode duvidar da pertinência da dicotomia aristotélica relativa à matéria e à forma, para dizer: o analisante traz a matéria e o analista traz a forma. É uma simplificação. O elemento formal, necessário tanto à produção quanto ao uso do material, é a pré-interpretação pelo lugar analítico. Tentemos dizer o que é essa pré-interpretação pelo lugar analítico, essa interpretação originária, a que condiciona o que eventualmente se apresentará de fato como interpretações. A pré-interpretação pelo lugar analítico está evidentemente em tensão com a interpretação do mundo.

Primeiramente, nesse lugar, a fala será interpretada em termos de verdade. Na realidade, a expressão é um pleonismo, já que interpretar é interpretar em termos de verdade. Dizer que a fala é para ser interpretada, já é desdobrá-la, como se dizia outrora: conteúdo manifesto e conteúdo latente. Ou seja, nesse lugar, a fala é pré-interpretada como fala esconde-esconde. Ela, a um só tempo, tempo esconde e revela a verdade. Essa é a condição da interpretação, é a que lhe vem da pré-interpretação pelo lugar. Portanto, desatar os laços entre a fala e a verdade, reatar a fala ao bem-estar é subtrair da psicanálise seu instrumento.

Em segundo lugar, a pré-interpretação admite que a verdade faz sistema, ou seja, que a própria verdade é interpretada como saber, isto é, registrada, acumulada e ligada. Pode-se dizer – de todo modo foi o que Lacan evocou – que esse saber, como tal, é um saber formal, ou seja, essencialmente sintático.

Em terceiro lugar, a verdade faz sentido e, no lugar analítico, esse sentido é fundamentalmente interpretado como gozo. A interpretação da fala em termos de verdade, a interpretação da verdade como saber, a interpretação do sentido como gozo, eis o verdadeiro tripé sobre o qual repousa o lugar analítico, assim como o que ele comporta de pré-interpretação. De todo modo, esse terceiro ponto implica haver satisfação através da fala.

Foi nisso que o mundo submergiu, foi do que ele se apoderou. O que desorienta ou o que aflige os psicanalistas é experimentar-se como vítimas, se poderia dizer, de um roubo, do roubo da fala, do roubo de seu instrumento. É precisamente o que hoje se explora fora da análise: a satisfação através da fala, explorada metódica e até mesmo sabiamente. Dar satisfação fazendo falar e escutando, foi o que se tirou da psicanálise. Desse modo, privilegiando o que a fala comporta de satisfação, desatou-se o laço entre a fala e a verdade.

Foi bem por isso que a prática da interpretação foi questionada, eventualmente por mim mesmo, e de um modo que emocionou um certo número de colegas, daqui e de outros lugares, mas que está na lógica do privilégio dado à satisfação através da fala. O sentido prevalece sobre a verdade de modo irresistível. O uso contemporâneo da fala, o uso difundido, o uso mundano – como se diz na fenomenologia – da fala, consiste em fazer atuar a satisfação do sentido contra o horror da verdade. Isso pode dar lugar à nostalgia, à nostalgia do tempo abençoado, quando um Talleyrand podia sustentar – que emoção! Que ingenuidade! – que a fala foi dada ao homem a fim de disfarçar seu pensamento.

Desabamos diante dessa proposição. É evidente que se trata de um enunciado eminentemente diplomático. Mas a astúcia que aqui se expõe testemunha, na realidade, a confiança ingênua do sujeito de que ele conheceria a verdade, a verdade de seu pensamento, a ponto de poder disfarçá-lo. Para dizer a verdade, essa astúcia já é a da polidez, o vício francês por excelência, que explica o gosto, as afinidades dos japoneses para com o espírito francês. A confiança no conhecimento da verdade introduz o debate entre aqueles para quem nunca se deve dizer a verdade ao outro – em todo caso, nunca a ele – e aqueles que sustentam que sempre devemos fazê-lo, seja quem for esse outro. É o debate Maquiavel e Kant, se quisermos. Eles nunca se falaram, é claro. É um debate que só tem sentido porque um e outro acreditam na verdade, acreditam que tudo o que se diz se colocará no lugar da verdade e se afirma como verdade.

Há diferentes escolas. A escola Maquiavel-Talleyrand ensina que, por isso, sempre se pode enganar aquele que escuta. A escola Kant ensina que não o devemos, ensina a ver o Outro completamente outro. Pode-se dizer: isso é uma ética, ou seja, uma decisão que fundamenta o sujeito como celibatário, isto é, como tendo por parceiro um Outro uniforme. Portanto, fundamenta o sujeito como fora de laços, um sujeito desatado ou desligado.

A escola de Freud chegou para prescrever esse debate. Ela introduz a noção de uma verdade que não se conhece porque se a recalca. Vejamos, aqui, tudo o que ata a psicanálise à verdade. O desconhecimento, o recalque, a denegação, são termos que supõem a verdade, que só têm emprego em relação à verdade. Foi o que Lacan explicitou, formalizou – observem bem – em um esquema linear, que responde ao axioma segundo o qual a verdade quer se dizer, a fala verdadeira quer advir mas é impedida, travada por uma resistência, alguma coisa impede o acontecimento da fala verdadeira.

FIGURA

A



S

O princípio linear desse esquema foi o primeiro que Lacan produziu, ele é construído sobre um eixo que liga o sujeito ao Outro – observem como ele é feito – em linha reta, com o inconveniente, a dificuldade de encontrar uma interposição imaginária.

Essa é a representação mais simples da verdade que quer advir na fala, a verdade que quer aparecer e que é representada através da linha reta, ou seja, o caminho mais curto entre dois pontos, e que pode se ver embaraçada nos labirintos. Mas, por seu próprio dinamismo significante, é animada pela vontade de sair e de chegar ao ser termo.

Sem dúvida, a noção de uma dialética da verdade entravada pela inércia libidinal parece, hoje, arcaica no ensino de Lacan. O que permanece extraordinariamente pregnante, para nós também, é a referência à linha tendo um ponto de partida e um ponto de chegada. A idéia de partida e de chegada permanece no que seguimos de Lacan. Ela permanece, mesmo quando a linha deixa de ser reta, tal como no grande grafo de Lacan. A linha deixa de ser reta, ela se curva.

FIGURA



I

§

Ela permanece mesmo quando é desdobrada, com seu ponto de partida e seu ponto de chegada. Quando desdobrada, ela diz que o destino do sujeito barrado é ser preenchido pela identificação com o Ideal do eu. Assim ela articula um caminho que vai do significante que anula o sujeito ao significante que o aliena. É o que Lacan resumirá, de forma metafórica, escrevendo, mais tarde, § sob S1, do qual fará o discurso do mestre.

S1
§

O que conta, porém, é a noção que suporta esse esquematismo, isto é, a noção de uma trajetória do sujeito que está aqui votado a identificar-se e, de um mesmo golpe, a recalcar. É, de algum modo, sua trajetória natural, espontânea, isto é, significante e válida para todo sujeito da fala.

Sobre esse esquema, acrescenta-se uma segunda trajetória, paralela à primeira, desta vez, a trajetória analítica. Tal como do patamar inferior Lacan fez o discurso do mestre, ele fará, do superior, o discurso do analista. A trajetória analítica é suposta assegurar um acontecimento do sujeito, um acontecimento diferente daquele da identificação, digamos um acontecimento no próprio seio do recalque interpretado em termos de pulsão.

A caução de Lacan para o dizer é o conhecido *Wo es war soll Ich werden* – ali onde estava o *es*, o *Ich* deve advir -, com o *soll* do dever indicando que se trata de ética e que

esquematiza, organiza a psicanálise como uma trajetória. A trajetória é o que se propõe como a organização do material. É nela também que se inscrevem as referências insistentes, se pensarmos bem nisso, tomadas por Lacan do algoritmo linguístico como algoritmo transferencial. Trata-se de um automatismo que tem forma de trajetória garantindo que, na psicanálise, o material seja organizado de modo a haver um começo e um fim. É o que se evidencia quando Lacan propõe sua definição do psicanalista, em 1967, em referência à parte de fracassos, ou seja, a um processo que tem um começo e um fim, que comporta um final de partida. Mesmo aqui, não é senão uma variação da flecha inicial, uma variação desse modelo linear. Estou abreviando.

Ele ainda é retomado por Lacan quando ele se inspira na matriz do grupo para situar precisamente o passe. No quadrado do grupo matemático ele mostra também como se passa necessariamente de um ponto ao outro. Passa-se da posição de alienação à posição de verdade para chegar à da assunção da castração. Pouco importa.

Sejam quais forem as variações e a complicação, trata-se, a cada vez, de um modelo linear que diz, no que concerne ao tratamento: “há um problema que, através de um número finito de etapas, encontra uma solução”. Assim, é a noção de problema-solução que, para Lacan, organiza o material trazido pelo analisante. Há pouco, falei dos axiomas do sentido comum. Aqui, estamos no nível das evidências destiladas por Freud e Lacan a respeito da psicanálise. É bem isto que me parece estar inteiramente em questão, ou seja, o fato de esse esquematismo linear do tratamento responder àquilo de que temos experiência nos dias de hoje.

Penso que Lacan tentou uma outra dimensão da experiência analítica. Uma dimensão deixada na sombra e até mesmo recalcada, que ele tornou evidente ao abandonar o esquematismo linear da psicanálise substituindo-o pelo esquematismo nodal. Este último comporta precisamente não o início e o fim, mas, pelo contrário, comporta deslocamentos limitados, entravados, que dão lugar a muitas formas diferentes, a apresentações diferentes, limitadas por uma fórmula, por um matema, não se apresentando, porém, sob a forma algorítmica do processo, cujo final seria prescrito pelo começo.

O questionamento, pelo menos a minoração do esquematismo linear e do algoritmo em benefício do nodal, é coerente com o que eu chamava, há pouco: “correr para o Oriente”, Isto é, renunciar ao que, aqui, é a aparente necessidade encarnada, de algum modo, por essa linha indestrutível, que dificilmente nos acompanha no que há de mais concreto na prática analítica.

A linha é adequada ao que se apresenta como uma sucessão, à série de sessões, mas, ao mesmo tempo, é um modelo que, se o considerarmos um pouco mais de longe, aparece como um forçamento do que o próprio material convoca.

Darei agora a palavra a Éric Laurent. Continuarei falando sobre o mesmo tema na lição de 10 de janeiro de 2001.

Éric Laurent

Vou prosseguir com minhas pequenas manias que iniciei na lição passada. Com efeito, vejo bem o ponto no qual isso se articula com o que vou dar prosseguimento, porque verei como parasitas de pesquisa e como consequências parasíticas que tento derivar de um certo número de pistas, de aberturas, de clareiras que me surgem prosseguindo com a interrogação que se desenvolve no curso.

Parei no ponto em que, para Lacan, o corpo se apresenta em uma relação com o furo, chegando a considerar que esse corpo poderia inscrever-se como a excelência do furo, não apenas em uma relação, mas como reta infinita, puro furo, com um furo de cada lado.

FIGURA (CILINDRO HORIZONTAL ATRAVESSADO PELA RETA)

A reta é a escrita de uma positividade desse furo que, eventualmente, passa através, ordena, mantém junto um corpo, definido, em 1976, pela metáfora do trico (*trique*), resultante da transformação da palavra tórico (*torique*). Essa articulação da reta infinita com esta espécie de bobina marcada pelos dois furos, dois bordos, inscreve-se também nessas metáforas ou no que se imagina da indução.

Esse *trique*, essa representação do corpo com dois furos é uma transformação, é a primeira representação, transformação, uma representação do corpo como vaso, com sua borda, sendo ele uma representação apaziguada, calma, do estádio do espelho.

FIGURA (O VASO)

O corpo como vaso é uma representação adaptada tanto ao pensamento ocidental quanto ao oriental, já que o vaso é antropomorfo em todas as civilizações, é zoomorfo podendo evoluir para o antropomórfico. O fato de o vaso ser um corpo é uma das evidências muito desenvolvidas pela filosofia no tempo de Heidegger. No *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais em psicanálise* o corpo vaso foi transformado em corpo nassa, um instrumento com dois furos tendo, em seu interior, um dispositivo, de tal modo que se pode passar de um lado sem, contudo, poder tornar a passar do outro.

FIGURA (NASSA)

Aqui, o corpo não é mais apreendido por sua referência à terra, ao sólido, à crosta, ao envelope. Aqui, temos o corpo solto em seu elemento líquido, dissipando a idéia de envelope. É impressionante o fato de a filosofia ter usado muito menos os elementos marítimos do que a argila, a terra que, a partir da gênese, aparentemente fascina, a partir da idéia segundo a qual ao se fazer cerâmica, cria-se corpos.

Isso faz parte das referências marítimas de Lacan: temos a lata de sardinhas que ele olha, a nassa que faz corpo. Há uma série de elementos que vêm do interesse, do gosto pelo mar e pelas ondas.

Digamos que o vaso transformado pela nassa resulta nessa espécie de bobina de indução, atravessada pela reta infinita. Então, o que se formulava no *Seminário* de 1975, ou o que desenredei como fio para mim mesmo, é o seguinte: depois de Lacan ter formulado esse corpo como dois furos atravessados por uma espécie de relação com a reta infinita que se torna seu cabo, que o sustenta, Lacan demonstra outras maneiras, a maneira histórica através da qual o corpo se mantém. Ele diz que na variante histórica do corpo, tal como a histórica o mantém, a reta infinita não é mais o furo, não é mais a experiência de gozo, mas sim o Nome-do-Pai que mantém esse corpo junto, torna-se seu cabo, mantém esse corpo que pode desfazer-se, deslindar-se.

FIGURA (CILINDRO HORIZONTAL)

NP

A partir desse ponto, Lacan religa as identificações freudianas: a primeira, a incorporação do pai; a segunda, o traço unário retirado do objeto de amor, digamos, o traço unário do sintoma retirado do objeto de amor; a terceira, a identificação com o objeto indiferente, no coração da relação com o sintoma freudiano, da qual Lacan faz uma leitura crítica, uma vez que ela supõe um tempo mítico, o da *Alterlibung* (a conferir), o da incorporação do corpo do pai.

Inicialmente, Lacan reduziu esse tempo mítico dizendo não se tratar da segunda identificação, que era preciso compreender a primeira, que o traço unário retirado era de fato um traço, um nome do pai incorporado com a linguagem. Ao reduzir o mito através da redução da primeira identificação à segunda, Lacan consegue formular que, de fato, é possível prescindir da relação com a segunda identificação passando pela terceira, passando pelo objeto indiferente, o sintoma como ligado a um registro ou a uma lógica do para todos, separado, em todo caso, do amor do pai, separado da necessidade da primeira identificação, pura relação com a borda como borda de gozo, e, em seguida, o gozo que distribui de modo diferente as relações do acesso ao gozo para todos, fora da garantia pela imposição do Nome-do-Pai.

Isso supõe que a linguagem, mediante esse corpo, dá acesso não mais pela metáfora garantida pelo pai, mas, antes, em razão de, à metonímia visando a desdobrar o objeto de gozo. No fundo, o uso da linguagem na prática analítica como evocação, como centragem no gozo, como interpretação em razão de é coerente com a teoria do ato consequente, realçada por Jacques-Alain Miller.

Essa ética do ato consequente encontra sua efetuação somente na própria prática dessa interpretação, no que ela permite evocar de gozo, ao centrar nessa borda o que não foi dado no começo. Então, o ato analítico fundamentado nessa interpretação desdobrando-se em sua metonímia de gozo traduz-se, em razão, pelo impacto sobre o sintoma.

Saberemos, no final da história, no final do percurso, justamente o que você pôs em questão. Sim, é preciso suportar esse percurso, pelo menos no esquema apresentado por mim, de tipo produtivo...

Jacques-Alain Miller

Quando você evoca a conversão do círculo em reta infinita, observamos que a reta infinita, como equivalente do círculo - que é uma equivalência propriamente topológica - , nada tem a ver com a linha reta da qual eu falava, a linha reta que, para Lacan, é o esquema que organiza o material na experiência analítica. Isso se mantém até o último Lacan e na linha de Freud.

Essa linha reta é um vetor – ela tem uma partida e uma chegada – entre dois topos, portanto, essencialmente finito. Isso dá um sentido à noção de percurso e é coerente com a idéia de um algoritmo tratando de um problema para chegar à sua solução, ao passo que o círculo não dá seu esquema à mesma representação. Pelo contrário, ele próprio comporta uma função de infinito que se pode percorrer. Ainda que haja só um, isso não abre para uma solução representada pela ida de um topo ao outro através da mediação de um vetor.

Quando temos os três aros articulados juntos borromeamente, temos deslocamentos, amarfanhados, representações diversas, podemos converter um deles ou os três em reta infinita, mas não se tem o suporte para representar o “ir de um ponto ao outro” e o percurso do problema até a solução. É nessa direção que Lacan nos conduz e é muito útil

como orientação para nos balizarmos na prática: será que a prática responde de fato à articulação problema-solução?

Por certo, foi o que Lacan pensou quando promoveu o passe sob a forma de uma solução dos impasses do desejo. Será que aqui tocamos no mais sensível, no mais patético, e, talvez, por que não, no aspecto mais horrível da verdade que se depreende da psicanálise? Será que está no problema-solução? Ou será que a organização do material sob a forma de problema-solução é um sonho de Lacan, do qual ele próprio despertou?

Será que a própria articulação da análise, em termos de problema-solução, não é uma síntese fantástica? Não será uma história? Afinal, Lacan falou do passe em termos de história, uma história que se conta, uma síntese que se propõe. Será que com isso tocamos no mais sensível da experiência, ou será que a velamos?

Ouso apenas tocar nisso, podemos ficar de mãos dadas com Lacan. Ele não nos deixou sozinhos no bosque. Ele o tornou representativo sob a forma do nó, mas um tanto à distância. Ele se preservou, sem dúvida, de dar uma tradução concreta, mas, talvez ela fosse útil nos dias de hoje.

Eric Laurent

É difícil evocar essa prática da interpretação que tenta prescindir, na efetividade, do recurso ao Nome-do-Pai tendo, digamos, essa representação dessa indução do gozo. O impressionante é que Lacan põe em série, em seus *Seminários* de 75-76, a prática da psicanálise, sua relação com o trauma e a linguagem, ele a põe em série com uma série inquietante que são as maneiras como é demonstrado, fora da psicanálise, que o simbólico induz alguma coisa de real, o envelope. E os exemplos dos quais se serve são aqueles em que não há domesticação simples ou ponderada do corpo pelo simbólico.

Se tocamos nessa domesticação do corpo da histérica pela cisalha do simbólico, que não é ponderada, que tem como produto o sintoma, que é um tratamento do corpo pelo simbólico, aquele que orientou o símbolo freudiano, então, surgem outros modos mais inquietantes através dos quais o simbólico domina o real. E é a psicose, com as falas impostas, uma vez que nesse tema, há uma dominância na qual a fala predomina, se impõe ao corpo e, finalmente, o envelope de modo diferente do corpo em cisalhas, despedaçado da histérica.

E a psicanálise, a própria prática da psicanálise, diz ele, faz uma espécie de envelope, de envelope simbólico do corpo para o sujeito, através de um mecanismo de retorno topológico. O sujeito, então, não mais se reencontra tanto em sua imagem, mas com o conjunto de seus ditos. A travessia do narcisismo, das aparências, caso haja uma, não deixa o sujeito sem uma relação com a imagem, deixa-o com uma relação subvertida com seu corpo, uma espécie de puro corpo hidrógeno que se põe como envelope dele próprio. Por fim, é um simbólico que funciona numa certa homogeneidade real, imaginária, fazendo com que o sujeito se veja usando de modo paradoxal o funcionamento da linguagem, obtido através da prática analítica, uso que se impõe ao sujeito, que é uma transformação realizada, mas, evidentemente, ela não é de estrutura, não é a boa estrutura do ponto de partida, é um artefato.

A série das consequências da interpretação assim apresentadas, as consequências na psicose da fala imposta, as consequências de suas alterações no corpo por um certo uso da linguagem vêm dar uma resposta aos traumatismos produzidos pela linguagem sobre o corpo, série em que a própria psicanálise se encontra em uma estranha companhia.

Então, esse artefato estranho produz um ponto central. Através das referências, da indução e do nó, há incontestavelmente um afrouxamento do laço com um S1 – o que você notou na função fundamental da ciência analítica –, tendo como visada o fato de ele ter um fim, um fechamento, um gancho.

Portanto, o que está em jogo na sessão é, em primeiro lugar, o afrouxamento do laço com um S1 e a produção de um gancho consequente que, ao final, produz uma espécie de artefato da experiência. É o ponto no qual a psicanálise vem dar seus tipos de respostas na direção inversa da visada do mundo, da reabsorção do sujeito no rito, cada um submetido a seu significante-mestre, simplesmente obedecendo à sua colocação no grande rito que se desenvolveria no mundo.

Aqui, então, trata-se da corrida para o Oriente...Eis a questão.